

A “Primavera Árabe” e o uso político da técnica: dos sites de relacionamento para as ruas no caso egípcio

Jonatas Wesley Aranha Nascimento¹

Murilo Oliveira Melo²

Alexandre do Nascimento Bezerra³

Resumo

Os movimentos de emancipação social vivenciados no Oriente Médio e noticiados pela mídia internacional como o arvorecer de uma nova era para as nações da região que viveram por décadas sob regimes autoritários, possuem uma grande significação para a nova geopolítica mundial. O caso egípcio se mostra bastante emblemático, mais do que a derrubada de um governante local, trata-se de um processo que abarca relações políticas e econômicas muito complexas envolvendo Estados Unidos, Europa, Israel e países árabes, que inclui à exploração dos recursos petrolíferos na região. Tal variável esclarece o apoio dado pelas potências ocidentais ao governo Mubarak, em detrimento dos constantes protestos populares que derrubaram o presidente.

Palavras-chave: Egito; Primavera Árabe; Redes Sociais.

Introdução

A data de 11 de fevereiro de 2011 entrou para a história da República Árabe do Egito marcando o fim de um governo ditatorial que perdurava por três décadas. Naquele dia, o então presidente Hosni Mubarak renuncia e entrega o poder ao exército após dezoito dias de intensas manifestações populares em todo o país. Poeticamente, Costa descreve o processo e lança mão da expressão que ressoou nas grandes mídias: “Depois de um longo inverno, chega a Primavera para saudar a vida e lembrar ao mundo de que por mais longa que seja uma estação, um dia cessará e nascerão as flores”.

Os movimentos populares na região tem início no fim de dezembro de 2010, quando um jovem tunisiano põe fogo no próprio corpo como forma de protestar contra as condições de vida em seu país, comovendo o mundo e atizando as brasas da indignação (Tv Cultura, 2011). A dimensão numérica da mobilização social foi se

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia (UFRN). Contato: jonatas-wesley@hotmail.com

² Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia (UFRN). Contato: murilopotter@hotmail.com

³ Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia (UFRN). Contato: xandygeo-20@hotmail.com

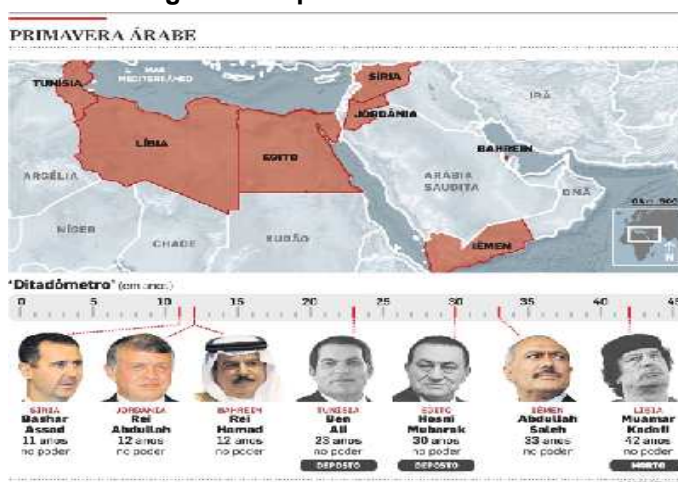
potencializando a medida em que novas pessoas se uniam ao levante, recebendo importante contribuição das articulações feitas via internet, fato que daremos maior atenção neste estudo.

As agitações populares prosseguiram e cada vez mais fortes, com o povo concentrado nos pontos principais do Cairo, como a Praça Tahrir, no centro da cidade. Seus protestos refletiam a cólera da pobreza extremada, do sentimento de impotência política, da ausência de democracia, do desemprego e da impunidade ao enriquecimento ilícito de segmentos da gestão pública.

O anseio pela liberdade vem embalado com muitas outras expectativas de melhorias sociais e na economia, pois como bem colocou Amartya Sen (2000, p. 23): “faz diferença adotar a visão do desenvolvimento como um processo integrado de expansão de liberdades substantivas interligadas”. Já que tais liberdades substantivas são, justamente, as melhorias sociais e econômicas tão essenciais à noção de cidadania.

No Egito, o povo durante décadas esteve sob intensa repressão política, um maquinário cuidadosamente articulado que envolvia prisões, violência física, clausura psicológica e um serviço secreto de altíssima eficiência que impunha uma atmosfera de medo e sujeição, cujo único fim era assegurar o poder à aqueles que “deveria estar” no poder. E por “poder” entenda-se aqui não apenas sua forma mais explícita e que esteve a todo o momento em evidência na mídia, mas um conteúdo político muito mais multifacetado, que abarca o que Santos (2008) definiu como uma aliança entre a política dos Estados e a política das empresas, um amálgama característico de nosso tempo.

Figura 1 - O pódio da tirania



Fonte: http://port.pravda.ru/russa/12-02-2011/31258-egito_farao-0/ Acesso em: 28 mar. 2012.

Tabela I - A Cronologia da queda: os 18 dias que antecederam o fim da “era Mubarak”

25 de janeiro	15 mil egípcios vão para as ruas do Cairo protestar contra o regime Mubarak;
26 de janeiro	Os protestos se espalham para a cidade de Suez e redes sociais saem do ar;
27 de janeiro	A volta de Elbaradei para o Egito estimula os protestos e a irmandade muçumana pede para que seus partidários saiam às ruas;
28 de janeiro	Os protestos se espalham por inúmeras cidades e o exército sai à rua;
29 de janeiro	Mubarak anuncia uma falsa renúncia. A polícia desaparece, muitos presos fogem e a população se arma para se proteger;
30 de janeiro	O exército continua nas ruas, mas muitos militares cooperam no protesto;
31 de janeiro	350 mil egípcios aguardam na Praça Tahrir para uma marcha com um milhão de manifestantes no dia seguinte;
01 de fevereiro	Antes da marcha dos milhões o exercito anuncia que não reprimirá o povo; Mubarak anuncia que não concorrerá nas próximas eleições
02 de fevereiro	Confrontos na Praça Tahrir entre os contra e pró Mubarak;
03 de fevereiro	Enfrentamentos entre manifestantes e partidários de Mubarak continuam pela madrugada;
04 de fevereiro	Oposição continua enfrentando os 100 mil manifestantes na Praça Tahrir; Washington dá início às negociações para tirar Mubarak do poder;
05 de fevereiro	A alta cúpula do partido de Mubarak (PND) renuncia;
06 de fevereiro	O governo propõe uma série de concessões, mas o povo pede a saída de Mubarak;
07 de fevereiro	Reuniões entre governo e oposição seguem, mas sem muitos avanços;
08 de fevereiro	Ghonim, repórter sequestrado, dá um depoimento emocionante na TV, o que aumenta os protestos;
09 de fevereiro	Confrontos violentos entre manifestantes e polícia se espalharam para outras áreas do Egito;
10 de fevereiro	Mubarak anuncia que passou seus poderes para o vice-presidente; O povo, que esperava a renúncia, ruma enfurecido ao palácio presidencial;
11 de fevereiro	Chega ao fim uma ditadura de 30 anos de Hosni Mubarak sobre o Egito; O vice-presidente Omar Suleiman anuncia a passagem do governo

Fonte: <http://blogs.estadao.com.br/para-Conselho-Supremo-das-Forças-Armadas-avera-arabe/>. Acesso em 01 Abr 2012.

Nesse contexto de forte pauperização da vida pública e social cotidiana, a classe trabalhadora do norte da África e do Oriente Médio se mobiliza num tipo “enfrentamento popular” em que a característica marcante fora a rápida proliferação da bandeira da liberdade de expressão e de decisão popular. A Tabela I traça um resumo daqueles 18 dias conforme noticiado pelos jornais em todo o mundo.

Os sites de relacionamento, especialmente o Facebook, foram amplamente utilizados. Mais que a simples derrubada de um líder local, é possível destrinchar dimensões ainda mais amplas daqueles acontecimentos. O presente trabalho propõe-se, pois, a uma leitura geográfica das recentes reviravoltas políticas ocorridas no mundo árabe tomando como referência o caso egípcio e o uso das redes sociais.

As condições geopolíticas do Egito

Conhecido na história pela importância entre as grandes civilizações, o Egito é hoje não mais que uma sombra de seu próprio passado, para muitos um empoeirado pedaço de terra ao nordeste do continente africano sob um regime ditatorial. Entretanto a terra dos faraós esconde muito mais do que se pode perceber num primeiro olhar. Os conflitos que eclodiram em 2011 se inserem num fenômeno maior de luta pela emancipação social chamado pela mídia de “primavera árabe”, num invólucro de relações e interesses políticos e econômicos, cuja dimensão espaço-temporal é de grande valia para um entendimento do novo panorama geográfico regional em gestação.

Silva (2011) destaca um aspecto essencial de forte apelo geopolítico que é a localização estratégica do país. Situado em uma das áreas mais turbulentas da região e do mundo – a fronteira com Israel –, o Egito está na linha do fogo da já quinquagenária contenda árabe-israelense iniciada em 1948.

O Egito fora na Antiguidade objeto de intensas disputas entre os impérios que se sucederam, isto em um momento da história em que o controle do longo corredor que ligava o norte da África ao Oriente – formado pela península do Sinai, Canaã e Síria – significava o controle dos fluxos de mercadorias das caravanas que cruzavam os desertos. Em meados do século XX, mais de dois mil anos depois, a região ganha novamente importância, novamente ligadas à sua condição geográfica.

Hoje, não mais as iguarias dos antigos impérios em ruínas, mas o negror de um espesso líquido enlouquece os homens, abundante entre as chamadas “potências petrolíferas” árabes, como Arábia Saudita, Emirados Árabes e Kuwait e de grande valor para a economia mundial, justificando guerras e o derramar de sangue, haja vista o caso

iraquiano e o maquinário bélico norte-americano instalado naquele país que já perdura por uma década. O Egito ocupa simplesmente uma posição estratégica nessa rica região petrolífera, tanto por sua dimensão geográfica quanto pela vizinhança com o Estado de Israel.

Para compreender essa conjuntura, ainda segundo Silva (2011), faz-se necessário elencar os atores e as ações envolvidas, tanto as que precederam a revolução como as que a resultaram diretamente. A autora faz um breve retrospecto da história recente do país, destacada pela independência ocorrida em 21 de fevereiro de 1922, e pela revolução de 1952, que sob liderança do general Nasser, derruba a monarquia Faruk e principia a resistência anticolonialista e antisionista. Afora ter iniciado um processo de industrialização e uma reforma agrária, Nasser em 1956 ainda:

Nacionalizou o Canal de Suez, assegurando a retirada dos ingleses que até então o exploravam, e o tornando uma importante fonte de renda para o país. Logo após, em 1958, Egito, Síria, Sudão, Líbano e Iraque fundam a “República Árabe Unida”, expressão do pan-arabismo (movimento político de união dos países de língua e civilização árabe, numa grande comunidade de interesses). Entretanto, os EUA invadiram o Líbano para conter a expansão pan-arábica. Assim, em 1967, se completa a derrota contra Nasser, quando Israel ataca os territórios egípcios e quadruplica seus territórios, a conhecida Guerra dos Seis Dias. (SILVA, 2011, n.d.).

É aqui que os interesses hegemônicos para a região se tornam mais nítidos:

É neste momento que se consolidam os interesses do capital dominante mundial com os interesses sionistas, formando uma grande aliança entre as potências ocidentais e Israel. [...] não seria interessante para esta aliança um mundo árabe modernizado, rico e potente, pois questionaria o saqueio dos países ocidentais aos recursos petrolíferos. (SILVA, 2011, n.d.).

Mubarak assumira a direção do Egito em 1981, após o assassinato do presidente Anwar Sadat. Desde então, Mubarak se tornara, segundo alguns observadores, o principal beneficiário da ajuda externa dos Estados Unidos, que se encontravam na época interessados na importância estratégica do Egito por sua proximidade com Israel, e que estavam descontentes com os governantes antecessores de Mubarak em razão das políticas de nacionalizações e reforma agrária que colocavam o país mais próximo do socialismo.

Com o financiamento americano, o Egito, outrora ameaça ao aliado Estado de Israel, tornou-se uma plataforma segura por onde se dariam as ações de cunho político, militar e econômico que interessariam grandemente as potências ocidentais.

A situação interna do país não era das melhores antes de Mubarak, tendo a população sofrido com a fome na década de 1970, responsável pela eclosão de vários protestos que foram violentamente reprimidos, além disso, o país havia se engalfinhado com Israel em duas guerras das quais saiu derrotado.

Silva relaciona os Estados Unidos e Israel como duas peças essenciais para a formação do cenário político desdobrado da ascensão e derrubada do ditador Mubarak. Segundo Dutra e Fuente (2011 *apud* Silva, 2011), “os EUA, desde 1981, financiaram e equiparam o exército do regime Mubarak e a Europa tem sido a principal exploradora econômica dos povos da região”. O ex-governante apresentava, assim, estreitas relações diplomáticas com as potências ocidentais e converteu-se em importante aliado do governo norte-americano no mundo árabe.

O facebook: as técnicas hegemônicas e seu uso

A crise econômica de 2008 iniciada nos Estados Unidos afetou negativamente a economia do Egito, agravando a situação da população que agora enfrentava mais desemprego, e deixando descontente boa parte da juventude letrada, que não via mais em seu país perspectivas satisfatórias de futuro diante do crescimento da pobreza e da corrupção. Essa nova geração de egípcios foi a principal organizadora das insurreições, ainda que fosse a geração anterior quem recebera nas décadas de 1970 e 1980 melhores níveis de escolaridade e fomentado uma consciência política mais aguçada.

O chamado movimento 6 de Abril, organizado por jovens nas redes sociais, se inspirava nas greves de 2008, quando nesta data haviam realizado milhares de convocações para manifestações públicas em várias cidades do país, fazendo com que o governo inutilmente bloqueasse o acesso à internet por meio do corte das redes de telefonia. No entanto como alegam Moraes, Bodruk e Lopes (2011, n.d.):

Um jovem egípcio, estudante da USP, tendo seu nome preservado em sigilo por questões de segurança, relatou que os protestos foram planejados há um ano pela *internet* e por isso a organização dos protestos não havia sido prejudicada, apesar do bloqueio da *internet* e das redes de telefonia celular.

Como, pois, mensurar a importância das redes sociais para os levantes ocorridos nos países do Oriente Médio e norte da África? Esse fenômeno ocorrido no mundo árabe, particularmente considerado no caso do Egito, decorre de uma reorganização da sociedade e seu território.

A explicação ocorre à luz de conceitos apresentados pelo geógrafo Milton Santos (2008), que elege a informação como o principal paradigma da atualidade para a compreensão de fenômenos políticos e sociais. O uso das tecnologias da informação configura novas relações de poder no seio das sociedades, servindo tanto para a manutenção do *status quo* quanto para a abertura de novas possibilidades entendidas como formas de resistência ou sublevação contra as imposições da racionalidade hegemônica.

A informação sempre ocupou lugar primordial nas ações movidas pelas disputas pelo poder e na influência sobre os territórios. No presente momento, aliada da tecnologia, ela é ferramenta indispensável no processo de dominação: “Ontem, a técnica era submetida. Hoje, conduzida pelos grandes atores da economia e da política, é ela que submete” (SANTOS, 1994, p. 76).

O período técnico-científico-informacional consagrou os mais elevados avanços no que compete às comunicações. Para Santos (2008, p. 112), “as técnicas são oferecidas como um sistema e realizadas combinadamente através do trabalho e das formas de escolha dos momentos e dos lugares de seu uso”. A evolução das técnicas ocorre, desta feita, atrelada à ação política histórica, para a qual podem ser atribuídas diferentes intencionalidades.

As críticas a respeito do poder alienante das atuais mídias de entretenimento virtual e sites de relacionamento – tais como o facebook, o Twitter e o Orkut –, se avolumam, tendo inclusive ofuscado gradativamente a programação televisiva nos últimos anos, constituindo-se em importantes instrumentos de alcance mundial. Para alguns, tais recursos gerariam muito mais torpor e inércia que o movimento e a ação, e serviriam muito mais para finalidades hegemônicas de manipulação que à construção de horizontalidades populares.

Podemos também especular a respeito do processo de fragmentação das relações sociais por meio da tecnologia, que ao mesmo tempo em que interconecta pontos distantes no globo, pode, em um sentido reverso, separar e inibir a relação entre pessoas de uma mesma família morando sob mesma residência.

Entretanto, tais críticas parecem mais apropriadas aos “veículos” de informação tradicionais, que podem ainda atordoar nossa percepção de mundo por meio de uma leitura tendenciosa da realidade. Segundo Santos (2008, p. 45),

Não é propriamente o fato o que a mídia nos dá, mas uma interpretação, isto é, a notícia. (...)Numa sociedade complexa como a nossa, somente vamos saber o que houve na rua ao lado dois dias depois, mediante uma interpretação marcada pelos humores, visões, preconceitos e interesses das agências.

São os agentes hegemônicos os responsáveis pelo mundo imaginário de benefícios e entretenimento que nos fazem enredar no conto da globalização, do pensamento único. Entretanto, é a apropriação da técnica que irá determinar seu direcionamento: o objeto em si mesmo é vazio, sua potencia reside no uso, e o uso é motivada por uma intencionalidade. O que determina a qualidade das ações é o uso dos objetos, o que significa que um mesmo objeto pode servir para fins ou intencionalidades diversas, dependendo das formas de seu uso (SANTOS, 2006; 2008).

A técnica como possibilidade

A ambivalência de certos instrumentos domésticos, tais como foices e machados, é conhecida na história dos povos, que em situações conflituosas poderiam tornar-se verdadeiras armas mortíferas, tendo sido também já ícones de levantes e revoluções.

Como bem afirmou Castells (1999 *apud* MORAES, BODRUK e LOPES, 2011, n.d.), “os detentores do poder na sociedade são aqueles que dominam e controlam o conhecimento e a informação”. No caso da Primavera Árabe, esses controles parecem ter fugido da égide dos poderes governamentais e foram eficazmente apropriados pela população insatisfeita com as condições precárias de vida, tornando-se o motor das ações desencadeadas em fins de 2010 e início de 2011, primeiramente na Tunísia, e logo depois, no Egito e na Líbia.

De acordo com Santos (2000), que “gente junta gera política”, entendemos os acontecimentos recentes no Egito e em quase todo o mundo árabe como resultado dessa união social de diferentes indivíduos que encontraram na crise econômica e repressão política a oportunidade de abraçar um objetivo em comum, na busca por mais liberdade e melhores condições de vida.

Ainda segundo Santos (2008, p. 89):

É certo que a tomada de consciência dessa situação estrutural de inferioridade não chegará ao mesmo tempo para todos os países subdesenvolvidos e, muito menos será, neles, sincrônica a vontade de mudança frente a esse tipo de relação. Pode-se, no entanto, admitir que, mais cedo ou mais tarde as condições internas a cada país, provocadas em boa parte pelas suas relações externas, levarão a uma revisão dos pactos que atualmente conformam a globalização. Haverá, então, uma vontade de distanciamento e posteriormente de desengajamento, conforme sugerido por Samir Amin, rompendo-se, desse modo, a unidade de obediência hoje predominante.

As técnicas, no presente século, exercem um papel unificador, fazendo-se sentir nos recantos mais longínquos do planeta e criando uma nova sociedade pautada na comunicação de alta eficiência. Trata-se da “revolução da informação”, da qual fala Harvey (2004), que tendo modificado todas as formas de relações sociais então conhecidas, constituíram o que Castells chama de “sociedade em rede”, e que Santos (1994) define como “meio técnico-científico-informacional” ou a face geográfica da globalização, como diz.

As condições técnicas que os agentes hegemônicos, detentores da velocidade, criaram, possuem em si mesmas o conteúdo de seu projeto “globalitário”. Não obstante, diremos com Santos (2008, p. 77): “Quando aceitamos pensar a técnica em conjunto com a política e admitimos atribuir-lhe outro uso, ficamos convencidos de que é possível acreditar em uma outra globalização e em um outro mundo”. A apropriação das técnicas pelas camadas subalternas do sistema, às redireciona e refuncionaliza, criando horizontalidades, novas formas de solidariedade, capazes inclusive de subverter a ordem instituída e depor governantes como se tem visto entre os povos árabes.

Considerações finais

Vale ressaltar, entretanto, que não se trata de enfatizar em demasiado o papel das redes informacionais na Primavera Árabe, uma vez que se tem em curso uma realidade historicamente construída, cujo estopim consiste em um número muito maior de variáveis sociais, tais como o grau de opressão a que a população estava sujeita, a atuação de grupos revolucionários e de movimentos trabalhistas, etc. O que afirmamos é que, embora acreditemos que tal evento pudesse ocorrer mais cedo ou mais tarde, e com ou sem o auxílio das técnicas de comunicação virtual, o nível de operacionalidade e eficácia da ação que se realizou foi qualitativamente potencializado pela técnica.

A complexidade da conjuntura política e social em curso no mundo árabe demonstra que o uso dos sites de relacionamento pode ser outro que não a já corriqueira

prática de banalidades e do espírito ocioso. A teoria prova-se autêntica e o vaticínio de Milton Santos ganha novas cores e maior força. Não estaríamos, assim, tão distantes de uma nova realidade, ainda que ainda em germen, pois algo que ainda não se conhece, não sabe ao certo, mas que já está em curso e ganha contornos na defesa de uma nova globalização, de uma outra possibilidade.

Referências

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DUTRA, Israel e FUENTES, Pedro. Tunísia e Egito: uma revolução democrática e permanente percorre os países árabes. **Revista socialismo e Liberdade**. Rio de Janeiro, Ano II, Volume II, 2011.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Edições Loyola: 2004.

MORAES, Tatiane Regina; BODRUK, Thiago e LOPES, Gustavo Guilherme. Controle e Visibilidade: Análise do caso Egito e Facebook. **XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, Londrina, 2011.

SANTOS, F. J. A. **O ciberativismo como ferramenta de grandes mobilizações humanas**. Ano I, Edição 1; Set-Nov. de 2011.

Disponível em: http://www.usp.br/anagrama/AnheSantos_ciberativismo.pdf. Acesso em: 23 mar 2012.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização**. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. 4. Ed. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. **Técnica, espaço, tempo. Globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Hucitec, 2000.

SILVA, Raquel Matos. **As redes sociais e a revolução em tempo real: O caso do Egito**. Trabalho de conclusão de curso. UFRS, Porto Alegre, 2011.

TV CULTURA. **Especial TV Cultura: Primavera árabe**. Direção de Maria Cristina Poli. São Paulo, 2011.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=KOM-2Jhmbnl>. Acesso em: 01 de Abr 2012.

Recebido em Abril de 2012.

Publicado em Julho de 2012.